

LIMA BARRETO: CONTOS E CRÔNICAS, UMA POTÊNCIA POÉTICA NESSE CONTEXTO DA LEI

10.639/03

Maria Aparecida Santos de Souza (PÓS-CRÍTICA - UNEB)¹

Orientadora: Prof. Dra. Maria Anória J. Oliveira

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a questão racial ainda provoca um forte incômodo pessoal e social, torna-se relevante fazer uma investigação dentro da crítica cultural acerca dos aspectos raciais abordados em algumas obras do escritor brasileiro Afonso Henrique de Lima Barreto, visto que sua literatura, além de fazer abordagens étnicorraciais, contemplava os grupos minoritários e denunciava as desigualdades sociais. Nossa hipótese é que esse aspecto pode contribuir para implementação da Lei Federal 10.639/03, ao que se refere à temática das relações étnicorraciais no campo da literatura, no âmbito do ensino fundamental que engloba as séries do 6º ao 9º ano. Através da disseminação desse estudo, espera-se poder aplicar de maneira efetiva a Lei que garante o estudo e a valorização da cultura e história afro-brasileira e africana nas instituições de ensino, em uma perspectiva de esvaziar a norma, para ajudar a repensar e questionar o Estado, transformando as metáforas conceptualizadas na escrita barretianas como práticas sociais conscientes, fazendo com que as questões afro-descendentes deixem de ser vistas apenas como uma representação literária e passem a ser considerada como uma metáfora da vida cotidiana brasileira². Dessa forma, a pesquisa possibilitará, através dos escritos barretianos, novas formas de agir, deslocando os significantes que de forma rizomática³ reconstruem novas rotas de fugas e ressignifiquem a ideologia africana que nos foi imposta de maneira pejorativa por longos séculos.

É importante ressaltar que as ideias de Lima Barreto desenvolvidas nas obras operam na multiplicidade de sentidos, contrapondo-se, portanto, à ideia de sistema estrutural fechado, no qual se tem um ponto de partida original e hegemônico. Trata-se de uma estrutura aberta no que tange a possibilidade de o leitor preencher os vazios com interpretações mais concreta, e estimuladora no que se referem às características, as quais não tem forma fixa, podendo migrar de um texto para outro. Nessa perspectiva, a obra barretiana pode ser trabalhada como uma potência na sala de aula do Ensino Fundamental II, com a intenção de desmontar as estruturas sociais e raciais

¹ cidasouza83@yahoo.com.br.

² Considera-se aqui as metáforas com figura do pensamento, como pensou Lagoff e Johnson (2002), na obra *Metáforas da vida cotidiana*.

³ Toma-se como referência os pressupostos teóricos desenvolvidos por Deleuze.

determinantes, reconstruindo, assim, uma outra subjetividade de combate à imagem pejorativa atribuída ao negro. Esse processo nos instiga a questionar como os contos e as crônicas de Lima Barreto podem suscitar reflexões atinentes à lei 10.639/03 no ensino fundamental contribuindo-se, assim, para a afirmação identitária negra?

DIÁLOGOS TEÓRICOS E A POTÊNCIA BARRETIANA

Durante alguns séculos, a literatura brasileira e, por conseqüente, o sistema educacional obedeciam aos paradigmas europeus, tanto na forma de escrita quanto no conteúdo. Dessa forma, os grupos dominantes não só manipulavam, mas também propagavam as ideias dominantes para se perpetuarem no poder. Em se tratando da questão racial, esse agravante de exclusão aparece mais frequente, pois o negro era categorizado por um viés de “estado de exceção”, no qual seus aspectos culturais, por força das práticas e das questões simbólicas, permaneciam invisibilizados. A estrutura de governo negava aos negros direitos iguais aos brancos, respaldando-se em um discurso de negatividade e inferioridade das relações raciais, estabelecendo assim o que Agamben (2008) aborda como um “estado de exceção”, apresentando de forma legal aquilo que, perante as normas humanitárias, é considerado ilegal. As injustiças cometidas ao negro são justificadas pela necessidade de manter a ordem e a dominação, isolando as questões humanas, quebrando, assim, a autonomia dos direitos humanos e igualitários. Lima Barreto fez o oposto, pois usava a literatura para quebrar a estrutura fixada, numa perspectiva de construir outra estrutura que categorizasse, de maneira positiva, as questões raciais.

Os questionamentos acerca da imposição da hierarquia racial, através das ações de protagonistas negros nas obras barretianas, podem gerenciar um sistema aberto, que permite desconstruir e esvaziar o sentido de interpretação, a qual “sempre se volta para si mesma, criando este movimento de circularidade que será então definidor do movimento do conhecimento humano.” (SANTIAGO, 2000, p. 215). Lima Barreto revela essa interpretação infinita, numa construção contínua de conhecimentos, visto que o autor visibilizou a desmistificação de estereótipos raciais, revelando os agravantes que contribuíam para a subalternidade do negro e para o embranquecimento cultural, pois não comungava com o modo hegemônico de literatura, uma vez que esses reproduziam em suas obras valores racistas.

Para entender a questão racial em nossa literatura e transportá-la como método de valorização da negritude, é necessário antes compreender algumas abordagens históricas e culturais feitas por alguns estudiosos dessa problemática. O termo negritude apontado aqui é, segundo

Munanga (1983), referência a afirmação do negro pela valorização de sua cultura, de seu fenótipo, dialogando, assim, com as ideias embutidas no texto de Zila Bernd “O que é Negritude”, uma vez que ambos abordam em suas entrelinhas que ela (negritude) traz a essência da valorização do negro, bem como seu autorreconhecimento pelas marcas visíveis nos sujeitos (conscientização racial), num propósito de destruir os estereótipos que nos foram empregados durante séculos. Ou seja, acabar com as rotulações pejorativas que causam ideia de inferioridade, de negatividade e que são reproduzidas, involuntariamente, no processo educacional, quando omitimos ou excluímos a figura do negro nas abordagens de ensino. Assim, propagamos, mesmo que involuntariamente, a ideologia pejorativa imposta pela construção do estereótipo, a qual Bhabha (2005) afirma que é uma pré-construção moldada, uma maneira de reproduzir as diferenças culturais, por meio de uma imagem única que inferioriza uma das duas partes.

É perceptível que nossa representação social circula como reflexo do embranquecimento cultural propagado e fixado como superior. Abdias do Nascimento (2002) aborda esse embranquecimento da cultura brasileira como uma estratégia de genocídio, ou seja, como uma tentativa de destruição total ou parcial da herança negra em território brasileiro, para isso o autor exemplifica como essa herança é idealizada na Bahia, funcionando como aliada na continuidade da negação africana e na reprodução de estereótipos:

Até mesmo aqui (Bahia), onde a cultura africana deitou raízes seculares, um descendente africano, para ter acesso em qualquer degrau de escala social, é porque já não é mais um negro: trata-se de um assimilado que deu as costas às suas origens, ou seja, “um negro de alma branca.” (NASCIMENTO, 2002, p. 146).

É notório que Nascimento (2002) mostra, de fato, como a maioria das pessoas enxerga um afro-descendente que ocupa um lugar de destaque na sociedade brasileira, é como se ele não mais pertencesse ao seu grupo racial de origem, é como se a melhoria da posição social o embranquecesse e o fizesse esquecer seu passado de exclusão. No entanto, deve-se ter consciência que a superação da situação subalterna imposta funcione como meio de autofirmação da identidade racial e, assim, desconstruir a ideologia da hierarquização de raças que muitos acreditam existir. Isso nos remete a construção do ato de conhecer, o qual, segundo Bachelard (1996), se dá no retorno ao erro do passado para destruí-lo e superar o obstáculo epistemológico, ou seja, é através da ruptura dos entraves vistos como conhecimentos não questionados que desbloqueamos o processo de construção de novos saberes. Trazendo para as discussões raciais, a assimilação do embranquecimento seria esse obstáculo epistemológico e a visibilidade do negro nos escritos barretianos seria o ato de conhecer, a quebra da cultura do branqueamento para recriar o saber, a valorização da nossa ancestralidade africana.

Lima Barreto demonstra como a realidade racial se apresenta (obstáculo científico) em um dos seus contos, “Um Especialista”, onde a personagem principal da narrativa de 3ª pessoa é uma jovem mulata que, desde que sua mãe morreu, enfrenta as dificuldades da vida de uma mulher negra e pobre, restando-lhe a suposta prostituição como meio de sobrevivência. É nessa situação que a jovem conhece o comendador português, seu suposto pai.

Fiquei órfã aos dezoito. Durante esses oito anos tenho rolado por esse mundo de Cristo e comido o pão que o diabo amassou. Passando de mão em mão, ora nesta, ora naquela, a minha vida tem sido um tormento. Até hoje só tenho conhecido três homens que me dessem alguma coisa; os outros Deus me livre deles! - só querem meu corpo e o meu trabalho. Nada me davam, espancavam-me, maltratavam-me. Uma vez, quando vivia com um sargento do Regimento de Polícia, ele chegou em casa embriagado, tendo jogado e perdido tudo, queria obrigar-me a lhe dar trinta mil-réis, fosse como fosse. Quando lhe disse que não tinha e o dinheiro das roupas que eu lavava, só chegava naquele mês para pagar a casa, ele fez um escarcéu. Descompôs-me. Ofendeu-me. Por fim, cheio de fúria agarrou-me pelo pescoço, esbofeteou-me, deitou-me em terra, deixando-me sem fala e a tratar-me no hospital. Um outro - um malvado em cujas mãos não sei como fui cair - certa vez, altercamos, e deu-me uma facada do lado esquerdo, da qual ainda tenho sinal.! Tem sido um tormento... Bem me dizia minha mãe: toma cuidado, minha filha, toma cuidado. Esses homens só querem nosso corpo por segundos, depois vão-se e nos deixam um filho nos quartos, quando não nos roubam como fez teu pai comigo. (BARRETO, 2004, p. 79 e 80)

Há na escrita barretina uma apropriação do espírito científico (potência de criar) para questionar e esvaziar os sentidos. Tal fato é perceptível no trecho acima, pois apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela protagonista negra, ela ainda demonstra dignidade, vaidade e orgulho próprio em sua fala. O personagem da obra de Lima Barreto tem traços e ações diferentes dos personagens da literatura clássica, pois mesmo demonstrando fragilidade, esse protagonista ainda permanece grandioso e o fato visto como perverso funciona como uma denúncia das mazelas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, reconhecemos que, mesmo com alguns estudos e explicações acerca da problematização racial no espaço escolar, ainda é necessária uma discussão mais abrangente em relação às formas como essa questão vem sendo abordada no ensino fundamental. A construção de um método que possibilite o ensino efetivo da história e cultura afro-brasileira na educação fundamental, através de sucessivas rupturas do obstáculo epistemológico, pode mobilizar o conhecimento da cultura e história afro-brasileira de maneira reflexiva. Isso porque esse método viabilizará a problematização e esvaziamento, a partir da obra de Lima Barreto em diálogo com a Lei 10639/03, os paradigmas raciais impostos como verdades, fazendo valer a crítica cultural no âmbito da educação básica. Através da disseminação desse estudo, espera-se atestar a relevância social da

obra de Lima Barreto, evidenciando a sua atualização e, por conseguinte, a sua contribuição para a valorização da história e cultura afro-brasileira (Lei 10.639/03).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARRETO, Lima. Um Especialista. In: *O Homem que sabia javanês e outros contos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

BERD, Zilá. *O que é negritude*. Editora brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRASIL. *Plano Nacional de Implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana*. Secretaria especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Subsecretaria de políticas de Ações afirmativas. Brasília: MEC, 2009.

CUTI, Luis Silva. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7-37

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o Estruturalismo? [1972] In: CHÂTELET, François (Org.). *História da filosofia – ideias, doutrinas*. v. 8. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Democracia racial*. Artigo s.d. 22f. Departamento de Sociologia. Universidade de São Paulo.

LAKOFF, George. *Metáfora da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Salvador: CEAO, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TELLES, Edward Eric. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociolinguística*. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 2003.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Lei 10639/03. Acessado em 20/11/15.

